SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXIX
Número 463
31 de Maio
1984

Mensário – Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 LISBOA

Avulso: 25$00

NO DIA DE PORTUGAL

"PÁTRIA" - Um Conceito ultrapassado?

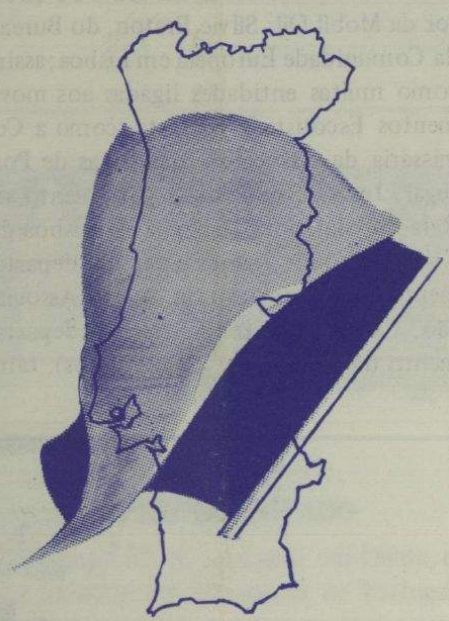
pelo Dr. David Freire

"E tu podes dizer-me o nome da tua amante?"
"Em voz baixa, Enjolras respondeu: a pátria!"

Victor Hugo – "Os Miseráveis"

"A minha pátria é o mundo", "A língua é a minha pátria" (Pessoa), "A minha nação é o planeta" (J.L. Borges), são frases célebres que indicam uma amplificação do conceito tradicional de pátria, com muito de *provocador*, levando a uma quase dissolução da atitude tradicionalmente chamada patriótica por múltiplas gerações. Será útil distinguir, à maneira de Eça de Queiroz, o patriotismo, do "patriotinheirismo" ...

Somos patriotinheiros quando só vemos qualidades, grandeza, luz, na limitada pátria que é sempre a nossa. O verdadeiro patriotismo faz-nos ver os defeitos da pátria e cria em nós o permanente e irrefragável desejo de os corrigir. Quando o escoteiro jura servir a Pátria, o seu "10 de Junho" é um 10 de Junho que pode ser considerado autêntico; o amor à Pátria afirma-se, acima de tudo, como uma *data interior*, contendo um sentido *qualitativo* e VERTICAL. Explicamo-nos melhor: dizer que a língua que falamos (que "mamámos") é a Pátria, ou confessarmo-nos *cidadãos do planeta*, não significa, de forma nenhuma, que o país onde nascemos, espaço restrito de raça, história, tradições, costumes, possa (ou deva) ser negado. Em função do conceito de Pátria, o espírito do homem faz duas aproximações bem distintas: desenvolve a sua actividade e interesses num plano *horizontal*, isto é, aceita, sem pestanejar, as regras externas da nação – que são ainda últimos resquícios de normas de carácter tribal – negando-se à actividade construtiva e crítica de uma sociedade melhor, ou aprofunda conscientemente as relações do seu *ser*, da sua vontade e inteligência, com a *localização* humana que lhe foi dada num espaço determinado – um espaço com uma história – e que ele, afinal, não escolheu mas aceita. A esta última atitude poder-se-á chamar relação VERTICAL com o conceito de Pátria, a única que interessa, que é produtiva, generosa e humana. Também na religião, nas relações complexas com a divindade, ensinaram-nos os cristãos existencialistas, urge viver a sério esta atitude. Caso contrário, toda a movimentação da crença é falhada, formal, inútil; ser religioso não passará de gesto tradicionalista e imitativo.



Pátria é, por definição filológico-semântica, "lugar dos pais"; estamos perante uma realidade, do tipo familiar, onde cumprimos um papel de seres, integrados numa área *comunitária*, em que certos interesses são defendidos. No seu alargamento natural, a família humana articula-se a outras famílias; e sem dúvida que, em última análise, conseguir no planeta uma única língua, uma única história (a história dos homens), uma única cidadania, sacudindo velhas limitações, seria o ideal. Para já trata-se de um mito. Mesmo aqueles que professam um moderno entusiasmo por certas perspectivas apátridas, (os cidadãos vagabundos de todas as cidadanias) substituíram, afinal, uma pátria por muitas pátrias... Em últimas sondagens sociológicas realizadas entre jovens, a "Pátria", como preocupação, ocupa um dos últimos lugares. Porquê? Não é difícil responder. Tem-se insistido sobretudo na já citada relação horizontal com a ideia de pátria; ela aparece como dura imposição de heroísmos, de orgulhos, de impérios defuntos, de colonialismos militaristas, de tradições, de secta-

continua na pág. 3

A EXPOSIÇÃO «O ESCOTISMO É MOVIMENTO» ESTEVE PATENTE AO PÚBLICO DE LISBOA

Graças à hospitalidade da Mobil Oil Portuguesa, a exposição "Escotismo é Movimento" foi inaugurada no dia 10 do corrente mês de Maio nas instalações daquela importante empresa, e ali esteve patente ao público até ao dia 18 do mesmo mês.



A Exposição abria com o busto de Baden-Powell, tendo ao fundo as bandeiras nacional, do Escotismo Mundial e da A.E.P.



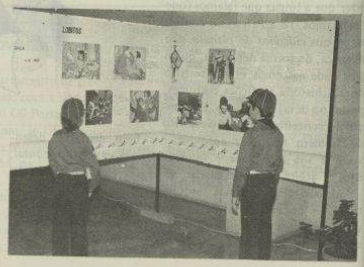
Os visitantes observam com visível interesse um dos painéis expostos.

A inauguração contou com a presença de grande número de personalidades, entre as quais o Eng.º Mário Cordeiro, director do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis; Dr. Saúl Bastos, presidente da Aliança Nacional das ACM's de Portugal; D. Ernestina Rodrigues, do departamento das Relações Públicas da Mobil Oil; representante da Secção de Algés do Rotary Clube; Eng.º Pereira Gens, da Comissão Executiva da Aliança Nacional das ACM's e director da Mobil Oil; Silvie Breton, do Bureau da Comunidade Europeia em Lisboa; assim como muitas entidades ligadas aos movimentos Escotista e Guidista, como a Comissária da Associação das Guias de Portugal, José Correia, do departamento de Relações da Junta Regional de Lisboa do CNE, António João Costa, do departamento de Informação da mesma Associação, Carlos Alberto Santos, do departamento da 4ª Secção (Caminheiros), também do CNE, bem como dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, como o Eng.º Nobre Santos, presidente da Conferência Nacional, José Rafael Baudouin, presidente da Direcção, Escoteiro-Chefe Nacional, José Pena Ribeiro, assim como membros da Direcção Nacional e da Chefia Nacional, e outros numerosos escoteiros.

O Director do FAOJ, bem como os restantes convidados, foram guiados na visita à exposição pelos dirigentes nacionais, que lhes forneceram todos os esclarecimentos para uma boa compreensão dos temas abordados no certame.

No final, a Mobil Oil ofereceu um beberete a todos os presentes.

A exposição oferecia ao público uma visão esquemática do movimento escotista, nos vários aspectos como se apresenta: o uniforme, o teor dos compromissos de honra e das leis do Lobito e do Escoteiro,



Os lobitos também apreciaram a exposição.

SEMPRE PRONTO

Agraciado com o Lis de Prata da Associação dos Escoteiros de Portugal

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACM de Portugal
Reconhecida de Utilidade Pública

DIRECTOR: Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO: Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR: J. E. Pena Ribeiro
COLABORADOR: Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA: Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
R. Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 Lisboa
Telef. 603734 - 603778 - 603689
Teleg. YMCAPORT – Telex 18539

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1945
Assinatura anual: Esc.: 250$00
Despesa de cobrança: + 50$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 300$00
Outros países: Esc. 450$00



O sr. eng.º Mário Cordeiro, director do FAOJ, à esquerda, ouve as explicações dadas pelo Escoteiro-Chefe Nacional, na presença do eng.º Nobre Santos (de costas), e de Ricardo Coimbra, da equipa de Expansão, à direita.

A documentação gráfica apresentada é de boa qualidade e as legendas que acompanham as imagens dão uma interpretação satisfatória do espírito que preside ao nosso movimento e uma explicação acerca das suas actividades.

Em suma: pode dizer-se que o certame, embora não atinja o nível que seria de esperar do uso de todas as possibilidades que o nosso movimento proporciona, oferece com certeza uma imagem digna do que é o Movimento Escotista e das suas reconhecidas capacidades para aliciar a juventude.



Da esquerda para a direita: Eng.º Nobre Santos, presidente da Conferência Nacional da AEP; D. Maria da Piedade Rodrigues, comissária nacional das Guias de Portugal; eng.º Mário Cordeiro, director do FAOJ; D. Ernestina Rodrigues, das Relações Públicas da Mobil Oil; José Rafael Baudouin e J. E. Pena Ribeiro, presidente e escoteiro-chefe nacionais da AEP.

"PÁTRIA" – um conceito ultrapassado?

continuação da pág. 1

rismos religiosos, de valores senis que se confrontam com valores jovens, de glórias que envergonham em vez de arrebatar ... Prestam-se, assim, cultos a pátrias abstractas. Ora a pátria, que nos diz respeito, ou é *vivida intimamente* ... ou não é digna desse nome. Ela tem de afirmar-se, sobretudo, como a tomada de consciência interior (vertical) de uma identidade. O querer, o amar, o servir a Pátria, consistem, acima de qualquer outra coisa, na orientação construtiva e crítica do nosso pensamento e actividade no sentido de lutar sem medo – jamais negando as raízes naturais – por um aperfeiçoamento *desta família, desta comunidade*, que nos foram dadas. Tal PÁTRIA nunca poderá estar ultrapassada. Para não nos negarmos, não a negamos. É ela, e só ela – em vertical – que está presente no compromisso escoteiro.



ESCOTISMO EM OLHÃO

O GRUPO Nº 6 FOI REORGANIZADO

O Grupo nº 6, com sede em Olhão, é uma unidade dos Escoteiros de Portugal de grandes tradições, por onde têm passado centenas de escoteiros e dirigentes, que muito têm contribuído para o engrandecimento do Escotismo e também para o progresso da sua Terra.

Ultimamente, porém, o Grupo encontrava-se desorganizado, não obedecendo às normas estatutárias. A Direcção-Nacional suspendeu a sua actividade, mas a pronta intervenção do Escoteiro-Chefe Nacional adjunto para a coordenação regional (Zona Sul), regularizou a situação, tendo sido:

Constituída uma nova direcção do Grupo nº 6;

Reconduzida a antiga chefia do Grupo;

Aceite a utilização do uniforme regulamentar e o acatamento das disposições estatutárias e regulamentares;

pelo que o Grupo foi de novo considerado activo.

UM NOVO "ESCOTEIRO DA PÁTRIA"

Tendo em consideração que o Escoteiro Vítor Manuel da Silva Castro de Almeida preencheu todas as condições regulamentares e prestou as respectivas provas, o Escoteiro-Chefe Nacional determinou que fosse homologada a concessão da insígnia de "Escoteiro da Pátria" ao referido escoteiro, membro do Grupo nº 2.

A VILA DE GÓIS

INAUGUROU O SEU GRUPO DE ESCOTEIROS

Góis é uma pitoresca vila beirã, com uma população muito activa, alcandorada na serra da Lousã e rodeada de frondosos bosques. Pois esta formosa vila esteve em festa no domingo, dia 13 de Maio, para inaugurar o seu Grupo de Escoteiros de Portugal, que recebeu o nº 74.

Logo de manhã, a azáfama na vila era



O E.C. José de Oliveira Rodrigues investe os chefes de Tribo e de Alcateia, respectivamente, Orlando Alvarinhas e Carlos Barata.

intensa. Os fardamentos só chegaram nessa altura levados no carro do Presidente Nacional, que se fazia acompanhar da família e do adjunto da chefia nacional para a Divisão Marítima. Tempo depois, chegou o autocarro com o Escoteiro-Chefe Nacional, Secretário-Geral Executivo, Chefe do Grupo 83, três escoteiros do Grupo nº 23, quatro directores da Fraternal, o director do "Sempre Pronto", quase todos acompanhados de suas esposas. Também já ali se encontrava Henrique Alegria, da Equipa de Expansão da A.E.P.

A rapaziada do "74" estava inquieta. A distribuição de fardamentos é sempre um problema difícil. As medidas nem sempre correspondem exactamente. Mas todos queriam prestar a sua promessa. Só os lenços, de cor verde e barra bege estavam todos preparados e devidamente classificados. Eram 15 horas e o grupo estava pronto para a cerimónia: 24 escoteiros e escoteiras, 14 lobitos e avezinhas, e 3 dirigentes, formaram junto à sede, garbosos nos seus uniformes. Desfilaram até à Praça principal da vila, frente ao edifício municipal. Já ali se encontravam os srs. Augusto Nogueira Pereira, presidente da Câmara Municipal; Alberto Jorge Alves dos Reis, presidente da Junta de Freguesia; José António Pereira de Carvalho, comandante da Corporação dos Bombeiros Voluntários; José Girão Vitório, presidente da Casa do Povo, e Jorge Manuel Matos da Silva Barata, presidente da direcção do grupo 74, bem como familiares dos escoteiros e muito povo, que acolheu os rapazes com uma salva de palmas.

José Rafael Baudouin, presidente da direcção da AEP, dirigiu a palavra aos novos escoteiros e felicitou a vila de Góis pelo apoio dispensado à organização do Grupo, formulando votos de que a nova unidade dos Escoteiros seja um factor de felicidade para aquela comunidade local.

Pena Ribeiro, escoteiro-chefe nacional, entregou o lenço ao escoteiro-chefe do Grupo, José Augusto de Oliveira Rodrigues, a quem abraçou, investindo-o assim no seu cargo. Este, por sua vez, recebeu o compromisso de Orlando Cid Antunes Alvarinhas, e Carlos Filipe Baptista Barata, escoteiros-chefes, respectivamente de Tribo e de Alcateia.



O Grupo nº 74 com os escoteiros e dirigentes visitantes.

Estes dirigentes tomaram então a Promessa das divisões a seu cargo. A Promessa dos lobitos foi uma cerimónia encantadora. Os pequenitos – eles e elas – responderam às perguntas com sinceridade e olhar radioso. Foram, no final, carinhosamente felicitados pelos dirigentes escoteiros presentes.

Os escoteiros prestaram também o seu

ESCOTEIROS DE PORTUGAL

PLENÁRIO DA CHEFIA NACIONAL



O Grupo nº 74, com as bandeiras nacional, associativa e municipal conduzidas por escoteiros, desfila os seus aspirantes a caminho do local da Promessa.

compromisso com voz firme, perante as bandeiras nacional e escoteira. A todos foi colocado o lenço escoteiro. Estes actos, assistidos com muito interesse e emoção pela assistência numerosa, foram aplaudidos com fortes salvas de palmas.

Após as cerimónias, escoteiros e lobitos desfilaram até ao salão de festas dos Bombeiros Voluntários, onde o Presidente da Direcção dos Escoteiros lhes dirigiu palavras de ânimo para a sua carreira escotista, tendo-se expressado da mesma maneira o director da Fraternal, José Ferreira. Henrique Alegria, da Equipa de Expansão, apresentou saudações do chefe do Departamento de Expansão Gabriel Silva.

A todos os convidados foi depois servido um agradável lanche.





A mesa que presidiu aos trabalhos: José Rafael Baudouin e J. E. Pena Ribeiro, presidente e escoteiro-chefe nacionais.

Conforme anunciámos, realizou-se em 5 de Maio último o plenário da chefia nacional, com a presença do escoteiro-chefe nacional, seus adjuntos e auxiliares de Lisboa, bem como o E.C. Arnaldo Couto, adjunto para o Norte; Maria do Carmo Serrano, adjunta para a Estremadura; José Alberto Franco Castro, adjunto para a Madeira; José Alberto Luís, chefe regional do Algarve, e José Rafael Baudouin, presidente da direcção.

O plenário apreciou os relatórios dos trabalhos realizados pelos departamentos permanentes da chefia nacional, debruçou-se sobre o projecto do POR, esclarecendo dúvidas e informando-se sobre as suas disposições, discutiu a organização da chefia nacional e a organização das chefias regionais.

No fim da actividade, o presidente da direcção manifestou o seu agrado pela forma como decorreram os trabalhos e fez alguns comentários às conclusões obtidas.

Dada a forma como decorreram as discussões, foi possível encerrar o plenário no sábado, à noite, tendo sido dispensada a sessão de domingo.



Outro aspecto dos trabalhos: além dos membros da mesa, os E.C. Carlos Conde, Rui Fonseca, José Alberto Castro, Rui Macedo e Vítor Santos.

AS DIRECÇÕES DOS GRUPOS GARANTEM A ESTABILIDADE DAS UNIDADES ESCOTEIRAS

Os Grupos de Escoteiros são as unidades básicas da Associação dos Escoteiros de Portugal. Isto está consignado nos Estatutos e é de tal forma evidente que ninguém pretenderá discutir norma tão importante. Merece a pena, no entanto, ponderar este princípio porque, se os Grupos constituem um valor básico do movimento, a sua organização terá de corresponder àquilo que deles é lícito esperar.

A experiência, porém, mostra-nos que nem sempre os Grupos correspondem à sua destacada posição na orgânica associativa. Na maior parte das vezes, dependem inteiramente do seu escoteiro-chefe, como dirigente único. Este multiplica-se: dirige os escoteiros, acompanha as patrulhas, assegura a tesouraria, faz a secretaria, conserva o material e, se não executa directamente todos estes serviços, consegue que alguns jovens o coadjuvem, quase sempre precariamente, e tem de assumir a responsabilidade de todos os trabalhos.

Em consequência deste esforço, o chefe rapidamente se fatiga, sente-se saturado, e acaba por diminuir a sua assistência. Quando as exigências da vida disso o forçam, tem mesmo de abandonar a actividade, deixando a unidade sem direcção nem rumo.

Para obviar a esta situação, é imperioso que cada Grupo de Escoteiros seja devidamente estruturado. Para isso, é apenas necessário dar atenção ao que está consignado no Regulamento Geral: *O Grupo de Escoteiros tem uma Direcção, que é a entidade responsável pela continuidade e regularidade do seu funcionamento* ... E mais adiante: *A Direcção do Grupo de Escoteiros é composta pelo Presidente, Secretário, Tesoureiro, Escoteiro-Chefe e de um a três vogais.*

Compete à Direcção do Grupo: Propor a nomeação ou substituição do Escoteiro-Chefe; dispensar à Chefia todo o apoio de que esta possa carecer, nomeadamente através da obtenção de recursos financeiros e na administração; comunicar aos orgãos regionais e nacionais deficiências que, eventualmente, se verifiquem no funcionamento do Grupo, como também consigna o mesmo Regulamento.

Verifica-se, assim, que a Direcção tem funções muito bem definidas, que libertam o escoteiro-chefe para as actividades de sua competência: a formação dos escoteiros e realização de acampamentos, jogos, boas acções, afinal a vida escoteira.

A direcção realiza assim uma obra importantíssima. É preciso, no entanto, ter o cuidado de que a direcção seja constituída por pessoas idóneas, capazes de subscrever e observar a Lei do Escoteiro e disposta a realizar uma acção competente e útil. O Regulamento Geral determina a este respeito que a escolha para as funções de director "só deve recair em indivíduos que ofereçam garantias de boa conduta moral e de necessária cultura geral e tenham idade superior a 21 anos". Normalmente tem sido usado o sistema muito errado de formar a direcção com personalidades de muito relevo e prestígio na freguesia ou na localidade, que emprestam os seus nomes, estão prontas a fazer um discurso nos dias de festa, mas não executam as tarefas que estão consignadas no Regulamento Geral e são essenciais para manter a actividade do Grupo.

À direcção cabe o importante papel de assegurar a chefia do grupo quando o escoteiro-chefe, por razões imperiosas, não possa assumir devidamente o seu cargo. Compete-lhe, então, "propor a substituição do escoteiro-chefe". Aqui se presta ainda um bom serviço ao dirigente porque tem uma entidade a que pode recorrer para solucionar a continuidade da chefia.

Por último, mas também muito importante, é que a Direcção é a garante da estabilidade do Grupo. Compete-lhe apoiar o chefe, mas neste apoio vai também um acto de avaliação, de confiança. Se, porventura, o escoteiro-chefe se desvia de uma correcta orientação, se a sua vida mesmo pessoal prejudica o Movimento, se há problemas disciplinares, compete à direcção intervir, sanar os problemas e, se o não conseguir, levar o assunto à chefia regional ou nacional e, até mesmo, propor a demissão do dirigente. O Grupo, que tenha uma Direcção devidamente constituída e no pleno desempenho das suas funções regulamentares, tem assegurada a sua estabilidade.

Como constituir a Direcção do Grupo

Como já dissemos, a direcção será constituída por pessoas idóneas, de boa reputação moral, competentes para o desempenho activo dos seus cargos. São elementos úteis para estas funções os antigos escoteiros e os familiares dos escoteiros. Nada impede que se vá buscar outra personalidade de fora deste âmbito, que possa ajudar e exerça influência social e local, mas é ao nível dos escoteiros adultos e dos familiares, que será possível encontrar os elementos mais dedicados e mais interessados no Escotismo e com uma melhor compreensão dos objectivos educativos do movimento.

Os antigos escoteiros-chefes que, por motivo da sua idade ou inibições da sua vida pessoal, deixaram de exercer o cargo, são elementos muito úteis na Direcção. Se o Grupo estiver anexo a qualquer instituição ou colectividade, competirá a esta propor os nomes dos membros da direcção do grupo, mas será de interesse não perder de vista os elementos aconselhados.

NOVOS GRUPOS DE ESCOTEIROS

Pelo Boletim Oficial nº 2/84, de 29 de Março, foram filiados os seguintes novos grupos:

Grupo nº 97 – Água de Pau, Açores. Tem a sua sede na Casa do Povo da localidade.

Foram nomeados para constituir a direcção os srs. José Manuel Vieira Carreiro, presidente; Carlos Alberto Amaral Damásio, secretário; Luís Manuel Carreiro Matos, tesoureiro; José Fernando Medeiros Costa e Paulo Jorge Costa Pacheco, vogais.

Vítor Manuel Almeida Cabral, Manuel Francisco Esteiro Carreiro e Rui Alberto Pereira Melo, para escoteiros-chefes interinos, respectivamente, do Grupo, da Tribo, e subchefe da Tribo.

Grupo nº 108 – Câmara de Lobos, Madeira. Tem a sua sede na Rua da Portada, nº 8.

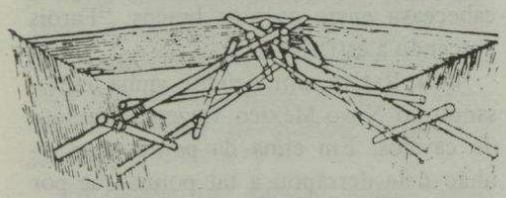
Foram nomeados para constituir a direcção os srs. Arlindo José Oliveira Melim, presidente; António José de Freitas, vice-presidente; Ana Maria Figueira, secretária; Ângela Maria Carolina Teles, tesoureira; Aníbal Cristóvão Jesus, representante dos pais dos escoteiros, Maria da Graça Pinto Marques, vogal.

Página do Escoteiro

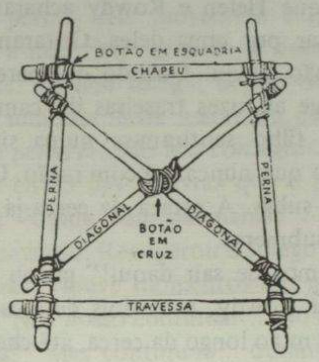


TRABALHOS DE PIONEIRISMO

No último número do nosso jornal tivemos ocasião de aprender como se constrói um cavalete empregando varas ou mastros através de nós e ligações. Voltamos hoje ao assunto e vamos ver a forma como se podem utilizar os cavaletes, que são a base de diversas construções, principalmente pontes. Vamos, para isso, socorrer-nos de Baden-Powell, que, no seu livro "Escotismo para Rapazes", nos dá um útil modelo. Conforme se pode verificar nas gravuras, a partir de dois cavaletes constrói-se facilmente uma ponte. B.P. proporciona-nos no seu livro um desenho de um CAVALETE, que constitui mais uma interessante explicação do que se publicou no último número de "Sempre Pronto".



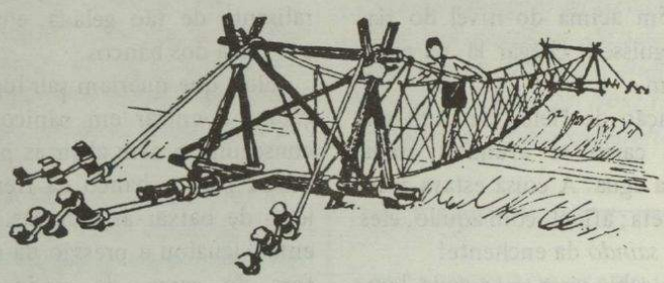
E acrescenta B.P.: "Com dois cavaletes pode fazer-se uma ponte simples. O desenho abaixo mostra a disposição das diversas partes. Todas as ligações constam de botões de esquadria, menos o do centro, que é botão em cruz".



Este género de pontes poderá servir de base para a construção de uma pequena ponte para servir uma aldeia que dela careça para atravessar um pequeno curso de água. Os grupos de escoteiros, que se treinarem nestas construções, poderão adquirir uma prática que lhes permita prestar serviço a populações de localidades menos desenvolvidas.

Mas, já que falámos em pontes, convém lembrar que a ponte mais simples para permitir a passagem de um pequeno curso de água é a ponte Himalaia e designa-se assim porque é o sistema usado pelos indígenas do Himalaia. Quem teve ocasião de acompanhar o filme que a Televisão proporcionou sobre Marco Polo, pôde assistir à utilização destas pontes sobre cursos de água bastante importantes, exactamente na região do Himalaia.

Estas pontes são essencialmente constituídas por três espias ou cabos bem esticados, seguros, nas margens, a árvores ou aplicando cavaletes sustentados por espias e estacas (vide gravura). Das três espias, uma serve de piso e as outras duas de guardas. São ligadas entre si por uma outra espia em forma de V ou, então, por varas devidamente ligadas. As ligações em V são separadas por poucos metros entre si. Estas pontes exigem destreza de quem as utilizar porque oscilam bastante, mas proporcionam uma passagem prática e são de construção fácil. Utilizam-se as espias ou cabos, de maior espessura e resistência, consoante a utilização que se quer fazer da ponte.



"SEMPRE PRONTO"

NOVOS CORRESPONDENTES

Reconhece-se que é imperioso que em cada Grupo de Escoteiros seja nomeado um Escoteiro para correspondente do "Sempre Pronto". Para o serviço do Movimento e para a expansão do jornal a colaboração eficiente e activa desse Correspondente será da maior utilidade.

A sua presença facilitará a difusão das notícias das actividades de cada Grupo, dando a conhecer as suas iniciativas e os seus feitos, que podem servir para estímulo e sugestão a outras unidades. Ao mesmo tempo, o Correspondente será o representante do jornal junto de cada escoteiro. Existirá assim uma constante e vantajosa colaboração.

Fizemos um apelo a todos os Grupos para nomearem o seu correspondente e podemos já fazer registo dos dois primeiros que responderam à chamada:

Grupo nº 30 – Figueira da Foz: Escoteiro João Pinto.

Grupo nº 23 – Queluz: Guia Paulo Jorge Marques.

«NÃO VOU DEIXAR VOCÊ MORRER, MAMÃ»

Helen Bryan reduziu a velocidade do carro até que este não parecia mais que arrastar-se. Mal se conseguia enxergar a três metros de distância debaixo daquela chuva e do granizo que caíam em bátegas.

Helen, em geral, gostava de servir de motorista para seu filho de 10 anos, levando-o, da isolada fazenda no Texas onde moravam, para o colégio ou aos jogos de futebol dente-de-leite, em Happy, cidade vizinha. Aquela noite de 10 de Junho de 1980, porém, já havia começado mal: o jogo de Rowdy fora cancelado por causa da chuva e, em vista das nuvens ameaçadoras, eles tinham-se abrigado num café, ficando ali até muito depois do jantar... e até muito depois de soar a sirena do alarme contra furacões. Só às 22.35 foi que ela resolveu voltar à estreita estrada asfaltada que levava à sua casa.

Homem da casa. Quando se aproximaram do riacho que cortava o pasto, o carro de repente afundou até as calotas dentro de água. *Uma inundação repentina!* Helen não podia parar nem dar marcha a ré: a água subia depressa demais. Forçou o carro a prosseguir por um atalho de terra até uma ponte logo adiante, que ficava 3,5m acima do nível do riacho. Se conseguissem chegar lá, na certa que se salvariam.

Mas o coração de Helen deu um salto quando o carro se afundou ainda mais dentro da água. A coisa estava mesmo ficando preta; afinal, com aquilo, eles deveriam estar *saindo* da enchente!

Rowdy não sabia virar-se na água, lembrou Helen. Ela tinha-o ensinado a nadar à cachorrinho no tanque que servia de bebedouro para os cavalos, mas nem isso o menino sabia fazer muito bem; só o suficiente para se habituar a conquistar a insígnia do Urso, a ser usada no seu uniforme de lobito.

Encolhido no banco traseiro do carro, Rowdy, um garoto forte, de rosto gorducho, aluno de quarta série, sentia-se amedrontado e indefeso.

Naquela manhã mesmo, antes de partir para Wichita, o pai havia-lhe passado a mão pela cabeça, dizendo: "Lembre-se, filho: agora que eu vou viajar, você é o homem da casa. Cuide bem da mamã".

Em Rowdy sabia fazê-lo. Noutras vezes, quando o pai se ausentava para transportar gado ou dirigir o pequeno negócio de fretes que complementava a receita da fazenda, já havia demonstrado que valia quase tanto como um homem feito, ajudando a mãe a dirigir a fazenda de 400 hectares, dando comida, água e remédios às 200 cabeças de gado. Há pouco, Helen tinha estado a se recuperar de uma operação grave, e Rowdy cuidou da fazenda inteira sozinho, ocupando-se até da cozinha.

Agora, porém, com a noite e a água negra aproximando-se do carro, ele sentia-se fraco, chegando a desejar com ansiedade que a mãe o defendesse.

Chegaram ao meio da ponte... mas ali o local também não era seguro. À luz de sucessivos relâmpagos, Helen viu que o riacho se transformara num caudaloso rio com cerca de 200m de largura, que começava a lamber inclusive a ponte.

"Deus nos ajude!" pediu ela. Engrenou *o hidramático* em primeira e calçou o acelerador até ao fundo. *Anda!* gritou ao motor encharcado e engasgado. *Não nos vai deixar na mão agora!* Mas o carro parou mesmo e não quis mais pegar. A água, paralisante de tão gelada, entrou jorrando por cima dos bancos.

Eles, que queriam sair logo dali, começaram a entrar em pânico quando não conseguiram nem abrir as portas. Rowdy saltou para o banco da frente e deu um jeito de baixar as vidraças. A correnteza então igualou a pressão da água dentro e fora do carro, de modo que, quando Rowdy empurrou a porta, ela abriu-se com facilidade. Cautelosamente os dois então saltaram.

Sem o perceberem, haviam saído num lugar em que a carroçaria do carro, atolado, os protegia contra a correnteza que forcejava nas duas extremidades dele. Embora a enxurrada por acima da ponta fizesse um barulho ensurdecedor, mãe e filho viram-se de pé, num trecho supreendentemente tranquilo: Helen com água até à cintura e o menino mergulhado até ao peito. A mão dela segurou a do menino com toda a força.

"Firme aí" "Vamos ter de caminhar pela ponte até à margem do outro lado!" Mas, mal se afastaram da protecção do carro, a torrente derrubou-os e arrastou-os, indefesos como bonecos de trapos, para dentro das quedas e por cima da barragem.

O braço direito de Helen encontrou Rowdy no escuro e segurou-o pela cintura. Eles chocaram-se contra o primeiro fio de uma cerca de arame farpado, pegaram nele e agarraram-se ali. Corcoveando como um cavalo selvagem na correnteza, o arame cortou a pele da mão esquerda de Helen, num talho profundo que deixou expostos os ossos.

Sem saber como, ela continuou segura e, seguindo o arame, ajudou Rowdy a chegar a um mourão firme da cerca. "Enrole aí os braços e as pernas!" ordenou Helen. Pôs-se por trás do filho e entrelaçou as mãos dos dois lados da estaca.

As horas arrastavam-se. A água, rodopiando em volta deles, misturava-se ao granizo, congelando-os. Algum tempo depois da meia-noite, Helen, em estado de choque devido ao frio e à exaustão, de repente como que despertou. "Olha!" gritou ela para Rowdy, que estava caído e cabeceava entre os seus braços. "Faróis descendo a estrada!".

Dick Ratjen, um vizinho, vinha regressando do Novo México, trazendo um lote de cavalos. Em cima da ponte, o caminhão dele derrapou a tal ponto que por pouco não foi de encontro a um sedã prateado, já soterrado pelas águas. Ratjen reconheceu o carro como sendo o de Helen e correu até a casa dele para telefonar ao xerife; mas quando o delegado Kirk Williams chegou até lá e não viu pessoa alguma dentro do automóvel, resolveu esperar até o dia amanhecer para fazer novas buscas.

O caminhão de Ratjen tinha estado tão perto que Helen e Rowdy acharam que ia passar por cima deles. Gritaram, mas Dick não ouviu. Quando desapareceram ao longe as luzes traseiras do caminhão, mãe e filho sentiram-se numa situação pior do que nunca... e com razão. O nível do rio subia. A estaca da cerca já estava quase submersa.

"Temos de sair daqui!" gritou Helen. Ajudou Rowdy, e os dois deslocaram-se um 70 m ao longo da cerca, até chegarem a um trecho mais raso. Nesse momento, ela avistou um poste de telefone bem ao lado. "Segura aí, Rowdy", disse ela, ofegante, "e segura firme! Aconteça o que acontecer, não larga o poste!".

Helen pessoalmente sentia-se muito fraca. De repente a mão esquerda, dilacerada, havia perdido a firmeza e soltara-se da cerca. A correnteza carregou-a velozmente. Só houve tempo de gritar mais uma vez: "Fica onde está, Rowdy! Firme aí, pelo amor de Deus!".

Horrorizado, o garoto via a mão desaparecer na escuridão e ouvia os seus gritos cada vez mais distantes.

Ela havia dito: "Fica onde está!"... mas Rowdy não podia obedecer. Soltou do poste as mãos, e rodopiando na correnteza, foi nadando à cão atrás da mãe.

"Mamãe!" gritou ele, "onde é que você está?"... mas só havia escuridão e o rugido da água que o arrastava vertiginosamente.

Uns 90m adiante, Helen boiava, de rosto para cima, num redemoinho que girava lentamente. Não sabia quantas vezes já havia afundado, nem o que estava puxando a sua cabeça para baixo. (Era a sua bolsa, pesada, que ela apressadamente enfiara pelo pescoço antes de sair do carro). Queria entregar os pontos, deitar-se e adormecer.

Foi então que Rowdy, guiado pelos gritos da mãe, apareceu no mesmo redemoinho, lutando corajosamente contra a água. Helen sentiu uma mãozinha firme deslizar por baixo do pescoço dela. "Não vou deixar você morrer, mamãe", disse ele, arquejante. "Deus vai cuidar de nós dois!".

Quase no mesmo instante, a correnteza atirou-os para as corredeiras violentas. O menino rebocava a mãe pela alça da bolsa. As pernas dele moviam-se como tesouras, a mão livre agitando-se desesperadamente. Já sem fôlego, depois dos primeiros minutos dessa maratona de natação, ele pensava: *Não vou conseguir.* Lembrou-se então das palavras que o pai lhe dissera: "Cuide bem da mamãe". Continuou remando. Recuperou o fôlego, duas, três vezes. Houve momentos em que soluçou: "Não posso continuar... não aguento mais!" Mas continuou... durante três horas.

Eram aproximadamente 3.30 horas quando, afinal, a correnteza libertou mãe e filho, atirando-os num banco de areia, a 3 km do local onde ficara o carro.

Exaustos demais para se manterem de pé, os dois começaram a rastejar na mais completa escuridão. Havia ainda água por toda a parte, a uns 50cm de altura do chão. Muitas vezes Helen caiu. "Vá na frente procurar socorro" propôs ela a Rowdy, "depois volta e apanha-me". Deixá-la sozinha, entretanto, estava fora das cogitações do menino.

Por volta das 5.00 horas, quando o dia começou a clarear, ele avistou contra a linha do horizonte uma massa escura.

"Mamãe", gritou ele, "olha lá uma casa!". Arrastando-se até à porta da frente, eles verificaram que estava vazia, com a porta e as janelas fechadas com tábuas.

Sentindo-se derrotado, Rowdy teve vontade de se deitar, encolhido, ao lado da mãe, que jazia no quintal da frente, dentro da água, que ainda tinha 15 cm de altura. Reagiu, porém, e foi rastejando até aos fundos da casa, onde encontrou um alpendre. Sobre esse chão molhado, de cimento, havia um fardo de feno.

Com um esforço supremo, o menino foi convencendo e, aos poucos, arrastando a mãe, quase em estado de coma, até ao alpendre. Abriu o fardo de feno, espalhou metade, e assim fez uma cama. "Deita aqui, mamãe. Isto vai aquecer-te". Colocou o resto do feno como se fosse um cobertor, e sentou-se para tomar conta dela.

A chuva tinha cessado e a água da enchente descia de nível. À luz do dia que se espraiava, Rowdy viu pela primeira vez o estado impressionante da mãe. A mão esquerda estava dilacerada e inchada. Havia sangue pelo seu corpo inteiro, e o rosto estava pálido como cera.

Despertou-a e explicou-lhe a situação. "Mamãe, precisamos levar você ao hospital. O pessoal deve estar à nossa procura. Temos de ir para onde eles nos possam ver". Passou então um braço pela cintura dela, e conduziu-a até à estrada.

Lá, Dick Ratjen e uma equipa de salvamento encontraram-nos, às 6.30, cerca de oito horas depois do início do pesadelo. Uma ambulância levou os dois para um hospital nas proximidades. Rowdy recusou-se a ir dormir até se convencer de que, após a cirurgia, a mãe estaria fora de perigo. Só então se deixou cair num sono profundo de exaustão.

*

Num banquete em Amarillo, Texas, no dia 6 de Fevereiro de 1981, os Escoteiros dos Estados Unidos presentearam Ralph Brian, o "Rowdy", com a mais alta condecoração por heroísmo: a Medalha de Honra das Palmas Entrelaçadas. Durante os 70 anos de sua história, os escoteiros norte-americanos só conferiram essa medalha 31 vezes, e apenas quatro (inclusive a de Rowdy) foram para lobitos.

Quando a medalha lhe foi entregue e os vivas de 200 texanos abalaram o salão, Rowdy recebeu outra manifestação, pessoal, que para ele teve exactamente a mesma importância: o sorriso de seus pais não deixava dúvidas de que o título dele, de "homem da casa" na ausência do pai, estava agora garantido.

Transcrito do número de Setembro de 1983 de Selecções do Reader's Digest, (C) 1983, por gentileza, de Selecções do Reader's Digest, S.A.R.L., Rua D. Francisco Manuel de Melo, 21, 1000 Lisboa. Printed in Portugal. Todos os direitos reservados.

EM SASSOEIROS (CARCAVELOS)

O GRUPO Nº 12 EM ACTIVIDADE

Depois de uma fase de reorganização, para o que muito contribuiu o esforço da Direcção do Grupo e do seu antigo Escoteiro-Chefe, com a colaboração da Chefia Regional da Estremadura, o Grupo nº 12, com sede em Sassoeiros, pôde ser reactivado. A Direcção-Nacional confirmou em funções a antiga Direcção e nomeou escoteiros-chefes Ricardo José Mendes Pinto de Carvalho e D. Olga Regina Gouveia Rebelo, respectivamente de Grupo e de Alcateia, na situação de interinos, até atingirem o nível de formação requerido.

OPINIÃO DO LEITOR

Muitos dos nossos estimados leitores nos escrevem e com frequência têm a gentileza de fazer simpáticas referências a "Sempre Pronto". Evitamos dar a público esses aplausos, mas parece-nos posição errada. É interessante que todos saibamos o que esses leitores e companheiros pensam do seu e "nosso" jornal, até mesmo se essas opiniões forem desfavoráveis. Todas ajudam a realizar o jornal.

O arquitecto Luís Benavente, como referimos noutra página, é um dos mais antigos escoteiros, fundador do Grupo nº 3. É uma figura muito ilustre, que muito honra o Escotismo a que pertenceu na sua mocidade. Este amigo escreve-nos:

Aproveito o ensejo para felicitar V. pela orientação que têm imprimido a tão prestigiosa folha escotista, que recebo sempre com o maior agrado e grande recordação.

Obrigado, caro Companheiro. "Uma vez escoteiro, sempre escoteiro".

* * *

Vítor Cesário da Fonseca escreve-nos lamentando o falecimento de Luís Grau Tovar de Lemos, "velho companheiro ao Jambori, Inglaterra, 1929, e no Acampamento Escola de Guias, realizado na mata do Palácio de Queluz, em 1927, e acrescenta:

Tomei conhecimento pela leitura do "Sempre Pronto", leitura que faço de fio a pavio. Pois este estimado leitor foi comissário escoteiro da zona de Torres Vedras, chefe do Grupo nº 50, da Associação de Educação Física e Desportiva, mantém uma invejável vitalidade e conta 95 felizes anos.

Muita saúde e felicidades lhe desejamos.

AS "BODAS DE OURO" DO GRUPO 93

Já está elaborado o programa das comemorações da passagem do 50º aniversário do Grupo 93, de Sintra, as quais terão início já no próximo mês de Junho.

É o seguinte o programa comemorativo:

No dia 22 de Junho, um concerto pela Banda da Polícia de Segurança Pública, às 21 horas, na Estefânia (Correnteza).

Dois dias depois, às 9 horas, haverá uma romagem ao cemitério de S. Marçal, para serem depostas flores nas campas dalguns dirigentes e escoteiros do 93 já falecidos, seguida de missa, às 12 horas, e de um almoço de confraternização entre dirigentes e antigos e actuais escoteiros.

Em Agosto, o programa compreende, nos dias 4 a 11, a realização de um acampamento, em Sintra ou nos Capuchos, em que se conta com a participação de duas patrulhas do Grupo 201, de França, dois escoteiros de cada uma das localidades de Braga, Porto, Vila Real, Lamego, Covilhã, Castelo de Vide, bem como dos Grupos que constituem a Região da Estremadura (11, 12, 16, 23, 45, 47, 48, 62, 82, 88, 93 e 107) e quaisquer outros Grupos de Escoteiros de Portugal. A todos os participantes será oferecido um "emblema de participante".

No dia 12, às 15 horas, será inaugurada a Exposição Filatélica (temática do Escotismo), a qual será completada com uma exposição de trabalhos manuais e de troféus escotistas e a passagem de filmes do 93.

As comemorações são encerradas nesse mesmo dia, às 17 horas, com uma sessão solene no Salão das Naus do Palácio Valenças, em Sintra, onde será feita a entrega de insígnias escotistas e de medalhas a vários escoteiros e outras entidades, bem como a colocação da 10ª estrela amarela (de 5 anos) no estandarte do Grupo. Prevê-se a presença de altas entidades civis e dos principais dirigentes associativos.

O GRUPO Nº 93, DE SINTRA DISTINGUIDO COM A MEDALHA DE MÉRITO MUNICIPAL

O Grupo nº 93 dos Escoteiros de Portugal, que está a celebrar a passagem do 50º aniversário da sua fundação, foi distinguido pela Câmara Municipal de Sintra com a Medalha de Mérito Municipal, de segundo grau.

A respectiva resolução diz: "Decorrendo no presente ano o 50º aniversário da sua fundação e dado que a sua actividade se tem desenvolvido em prol da juventude sintrense, entendeu esta Autarquia atribuir ao Grupo nº 93, como prova de reconhecimento pela sua meritória acção, a medalha de Mérito Municipal".

O acto da Câmara de Sintra, embora de toda a justiça, merece o nosso agradecimento pelo que representa de reconhecimento pela obra que os Escoteiros têm realizado durante cinquenta anos.

* * *

A Câmara Municipal de Sintra concedeu diversos subsídios por obras da juventude e de beneficência do concelho, tendo entregue ao Grupo nº 93 um subsídio de 120 contos para a aquisição de material.

Resolveu também o problema da sede do Grupo, instalada na antiga cadeia comarcã, cedendo-a, a título gracioso, por um prazo de 50 anos, o que permite realizar ali obras indispensáveis ao bom funcionamento da unidade.

A utilização do imóvel, que integra o Património desta Autarquia, foi expressamente cedido para sede de convívio, secretaria e armazém de material de campo da A.E.P.

Com esta deliberação, a Câmara Municipal de Sintra, no âmbito da sua política de apoio à juventude, pretende proporcionar melhores condições de convívio e de actividades culturais.

*

A MORTE DE ALBANO DA SILVA

Arnaldo Pinto, do Porto, escreve a este propósito: *"Fiquei profundamente contristado ao saber do falecimento do Chefe Albano da Silva, credor da minha mais profunda simpatia, apesar de com ele só ter falado umas 2 ou 3 escassas horas, que me foram muito proveitosas e suficientes para lhe dedicar uma profunda amizade, de que muito me honro".*

*

O GRUPO Nº 58, DO PORTO ESTEVE EM FÁTIMA

No passado dia 12, o Grupo nº 58, do Porto, deslocou-se a Fátima, de combóio. Chegados à estação, os escoteiros efectuaram uma excursão de 26 km, que levou 4,5 horas. Tiveram como companheiros os irmãos escutas do Grupo nº 46, de Alfena, e de um dirigente do Agrupamento de Valbom.

O percurso foi animado pela melhor confraternização escoteira, entoando-se, pelo caminho, canções escoteiras. Chegados ao Santuário, levantaram o seu acampamento e apresentaram-se de seguida à organização para prestar serviço na peregrinação, dando cumprimento ao 3º artigo da Lei. — *Armando Ferreira.*

UM INQUÉRITO DE "SEMPRE PRONTO"

QUEM SÃO OS MAIS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL?

O Escotismo tem já no nosso país 72 anos de existência. Como é natural, não são já muitos os Escoteiros sobreviventes dos que participaram na fundação dos primeiros grupos. Mas, felizmente, ainda connosco convivem, e com saúde, diversos daqueles que honraram o Movimento nos primeiros anos, quando por vezes não era fácil envergar o uniforme. A farda escoteira impôs-se ao público através de actos de generosidade, mesmo de heroísmo, dos garbosos rapazes de 1912 a 1917. Foi em 10 de Maio de 1917, que, pelo Decreto nº 3120-B, a Associação dos Escoteiros de Portugal foi reconhecida oficialmente e considerada benemérita e de beneficência. Dizia-se, no preâmbulo do referido decreto: *Considerando que o Escotismo é uma escola de formação de carácter e um meio valioso de preparar a mocidade para o desempenho dos seus deveres para com a Pátria e para com a Humanidade...*" E mais adiante: *"Atendendo aos resultados que a Associação dos Escoteiros de Portugal tem conseguido alcançar e as provas concludentes que esta instituição tem dado sobre a sua capacidade para estabelecer e difundir o Escotismo pelo País, como bem o demonstram os actos de abnegação, coragem e patriotismo praticados pelos seus escoteiros, principalmente por ocasião da revolução de 14 de Maio e nos incêndios do Depósito de Fardamentos e da Escola Naval, actos que têm merecido por parte do Governo e outras entidades oficiais as mais elogiosas referências".*

Este decreto foi subscrito por Bernardino Machado, como presidente da República, e do Governo faziam parte figuras prestigiosas como Afonso Costa, Alexandre Braga, Norton de Matos, Barbosa de Magalhães e Eduardo Alberto Lima Basto, para só citar os nomes que serão hoje ainda mais citados.

O inquérito de "Sempre Pronto" pretende exactamente identificar os Escoteiros desse tempo, ainda vivos, que contribuíram com a sua acção para que um tal elogio oficial pudesse ser feito com merecimento.

* * *

Na relação dos mais antigos elementos, que publicámos no último número, omitimos, por lapso de que pedimos desculpa, o nome prestigioso do General Jorge Oom, a quem já tinhamos feito referência e que faz o favor de nos escrever a lembrar mais dois nomes da fundação do Grupo nº 3, do Liceu Pedro Nunes. O nosso estimado assinante Arquitecto Luís Benavente, um escoteiro entusiasta e fiel, e o General Avelino Barbieri de Figueiredo Cardoso, também um escoteiro dedicado. Vai assim sendo enriquecida a lista dos mais antigos escoteiros. Estamos convencidos de que ainda, e felizmente, existem outros. Esperamos a colaboração dos leitores na descoberta dos seus nomes.



FOI ELEITO O ESCOTEIRO-CHEFE REGIONAL

No Conselho Regional de Lisboa (Centro) de 18 de Maio findo, foi eleito escoteiro-chefe nacional Salvador F. Teixeira, que foi membro do Grupo nº 8.

A investidura e posse deverá realizar-se em 24 de Junho próximo, data em que o Conselho Regional voltará a reunir.

"Sempre Pronto" apresenta cumprimentos ao novo Chefe Regional, desejando-lhe muitos êxitos.

ESCOTISMO NO CARTAXO

O GRUPO Nº 72 DE NOVO EM ACTIVIDADE

O Grupo nº 72 dos Escoteiros de Portugal, com sede no Cartaxo, que se encontrava com a actividade suspensa em virtude de não possuir os orgãos directivos estabelecidos estatutariamente, foi devidamente reorganizado, tendo a Direcção Nacional levantado a suspensão, pelo que se encontra de novo em actividade, integrando a Região do Ribatejo.

ADMINISTRAÇÃO

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Atendendo ao nosso apelo, os assinantes de "Sempre Pronto" enveredaram definitivamente pelo sistema do pagamento directo e espontâneo de suas assinaturas. É um acto de colaboração, que honra aquele que o pratica e valoriza muito o "nosso" jornal, pois torna cada vez mais a sua publicação um esforço comum. O jornal é nosso e, por isso, todos nós procuramos nele colaborar.

Recebemos este mês as seguintes assinaturas:

ASSINANTES PATROCINADORES

José Manuel Rocha Coelho (1984) . . . 300$00
João Joaquim R. Neves (1984) . . . . . 300$00
Arqº Luís Benavente (1984) . . . . . 300$00
Sabino Conceição David (1984) . . . . 300$00

OUTROS ASSINANTES

Afonso Inglês (1984) . . . . . 250$00
Fernando A. da Silveira (1984) . . . . . 250$00
Carlos Alberto Filipe (1984) . . . . . 250$00
Ireneu Reis Cunha (1984) . . . . . 250$00
D. Ilda de Ávila M. Silva (1984) . . . . . 250$00
João Orlando P. Valentim (1984) . . . . 250$00
Agrupamento 571 do CNE (1983) . . . 250$00
Alberto Manuel da Silva (1983) . . . . . 250$00
António Almeida (1983) . . . . . 250$00
Augusto Nóbrega Ferreira (1983) . . . . 250$00
Carlos Alberto E. Andrade (1983) . . . 250$00
Clã do Grupo 24 (1983) . . . . . 250$00
David Francisco P. dos Reis (1983) . . . 250$00
Elsa Mercês F. Sousa (1983) . . . . . 250$00
Emiliano de Freitas (1983) . . . . . 250$00
Filipe Manuel Abreu Faria (1983) . . . 250$00
Gonçalo Rui C. M. Moreira (1983) . . . 250$00
Isabel Maria A. Ferreira (1983) . . . . . 250$00
Luis Ramos (1983) . . . . . 250$00
D. Mª Luisa G. Ferreira (1983) . . . . . 250$00
Osvaldo Livramento Ramos (1983) . . . 250$00
Patrulha Cisne – Grupo 24 (1983) . . . 250$00
Patrulha Gazela – Grupo 24 (1983) . . 250$00
Patrulha Pinguin – Grupo 24 (1983) . . 250$00
Patrulha Tigre – Grupo 24 (1983) . . . 250$00
Patrulha Urso – Grupo 24 (1983) . . . 250$00
Paulo César de Sousa (1983) . . . . . 250$00
Paulo Jorge G. Pinto (1983) . . . . . 250$00
Teotónio A. C. Melim (1983) . . . . . 250$00
Manuel Luis M. Matos (1984) . . . . . 250$00
D. Mª Amélia O. Duarte (1984) . . . . . 250$00
José Carlos M. Silvano (1984) . . . . . 250$00
D. Idalina Tovar de Lemos (1985) . . . 250$00

Caro Leitor: Já fez o pagamento da sua assinatura?





DE MÊS PARA MÊS



FAZER JUSTIÇA!

O Movimento dos Escoteiros de Portugal tem nas suas fileiras rapazes escoteiros, que honram a sua Associação. Em quase todos os Grupos existem escoteiros de muita dedicação, que se esforçam diligentemente por honrar a sua Promessa e cumprir a Lei do Escoteiro. São rapazes exemplares, que amam e servem o seu semelhante, tantas vezes com sacrifício. São de uma dedicação sem limites à sua Patrulha e ao seu Grupo, mas ninguém melhor do que o seu escoteiro-chefe os conhece.

O Regulamento Geral insere disposições sobre recompensas que "devem ser aplicadas sempre com um alvo educativo e de estímulo quando se destinam a Escoteiros e a Escoteiros-Chefes". A nós parece-nos que as medalhas deveriam ser de preferência atribuídas aos Escoteiros e só muito excepcionalmente aos dirigentes. São os rapazes que devem ser galardoados pela sua dedicação, mérito e abnegação. Mas parece que muitas vezes são esquecidos e que, nem mesmo aquelas medalhas que a assiduidade garante, lhes são atribuídas.

Mas, atenção! Os Escoteiros devem ser galardoados com justiça. Que nenhum dirigente caia na tentação de propor medalhas para atrair o rapaz, para cativar ou para agradar à família. A medalha só deve ser concedida com inteiro merecimento. Porque o rapaz tem um critério de justiça muito correcto e sabe perfeitamente quando o prémio é merecido ou é mera lisonja. Conceder medalhas por favor será desvalorizá-las. Deixarão de ter significado e não exercerão qualquer estímulo.

EFEMÉRIDES

JULHO

Dia 3 – 9º aniversário do Grupo nº 48 – Damaia.
Dia 8 – 50º aniversário do Grupo nº 94 – Ajuda – Lisboa.
Dia 14 – 55º aniversário do Grupo nº 16 – Carcavelos.
Dia 16 – 56º aniversário do Grupo nº 77 – Faro.
– 3º aniversário do Grupo nº 95 – Sesimbra.

*

O ESCOTISMO VOLTOU A MACAU

Foi em Macau, que em 1911 se fundou o primeiro grupo de Escoteiros em território português. Mais tarde, em Maio de 1930, foi filiado o Grupo nº 12, que teve grande desenvolvimento, de que ainda havia notícia em 1936. Depois, o Escotismo foi proibido nos territórios coloniais, e o movimento desapareceu. Parece, no entanto, que a comunidade chinesa continuou a ter o seu grupo de escoteiros.

Recentemente, a direcção da A.E.P. encetou relações com elementos de Macau com vista à organização de um grupo de escoteiros. Em 1981, uma representação de jovens daquele território participou no acampamento nacional que se realizou na Figueira da Foz. Estava lançada a semente.

Em 12 de Dezembro do ano findo, foi inaugurada a Associação de Escoteiros de Macau. Dada a natureza daquele território, sob administração portuguesa, foi possível constituir uma associação autónoma, de maneira semelhante ao que acontece em Hong-Kong. De resto, esta associação tem apoiado os Escoteiros de Macau e ambas desenvolverão actividades de colaboração.

*

VILA FRANCA DE XIRA

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Os recibos de assinaturas dos nossos estimados amigos do Grupo nº 81 encontram-se em mãos da Escoteira Sónia Maria Teixeira da Silva, que gentilmente nos faz o favor de efectuar o seu recebimento.

Como são respeitantes ao ano de 1983, é urgente a sua cobrança. Agradecemos que os referidos assinantes façam o favor de procurar aquela nossa colaboradora.

ANTIGOS ESCOTEIROS

DELEGAÇÃO DO NORTE

A Delegação do Norte da Fraternal dos Antigos Escoteiros reuniu-se num almoço de confraternização em 5 de Maio findo, que juntou diversos antigos escoteiros, que se fizeram acompanhar de suas esposas, tendo ainda dado a sua presença alguns escoteiros-chefes activos.

O encontro foi aproveitado para celebrar o Dia do Escoteiro, tendo os "antigos" presentes ratificado o seu compromisso de honra. Todo o convívio decorreu em franca camaradagem, tendo-se entoado canções escotistas e recordado acontecimentos do passado.

Está projectado um acampamento nos dias 9 e 10 de Junho para disputa da taça Fraternal do Norte.

No dia 1 de Julho, está prevista uma excursão a Lamego, em visita ao Grupo 49.



IN MEMORIAM

ALBANO DA SILVA

Um velho amigo perdi,
leal, sincero, dedicado,
com quem muito convivi.
Pelo muito que te devi
serás sempre recordado.

Por desconhecer o facto
não te pude acompanhar.
Mas a falta a esse acto
tu me vais perdoar.

Dia a dia pioravas,
e eu sofria contigo.
Não encontro palavras
p'ra dor que trago comigo.

Para tudo Sempre Pronto,
fiel à Lei do Escoteiro.
Sua morte deixa-me tonto,
Foi um Amigo verdadeiro.

Henrique Marques
Antigo Escoteiro do Grupo 1